

# *Romanceiro da Terra Morta, de José Viale Moutinho – Diversidades e Sentidos da utopia*

**Leonor Martins Coelho**

Universidade da Madeira

CEC – Centro de Estudos Comparatistas

**e-mail: lfcoelho@staff.uma.pt**

## **RESUMO**

*Romanceiro da Terra Morta, de José Viale Moutinho, permitir-nos-á ver a forma como neste repositório o autor recria cartografias da dissonância, reavivando, por um exímio exercício da memória, a diversidade cultural, patrimonial e identitária do mundo português. Numa sociedade subordinada à distopia como a que marcou o tempo da velha senhora em Portugal, muitas estórias recriadas pela capacidade efabulatória do escritor captam um manancial diverso e rico de situações, gentes e lugares, recuperando, assim, um legado distópico de uma época que não deve ser novamente tolerada. Ao fixar estes registos no seu Romanceiro, José Viale Moutinho retém cenários que gerações do pós-memória não devem consentir. Trata-se, pois, de uma escrita que roça a utopia pela veia denunciadora das disforias pretéritas.*

Palavras-chave: **repositório, memória, diversidades, dissonâncias, utopia.**

## **ABSTRACT**

*Romanceiro da Terra Morta (Romance of the Dead Land), by José Viale Moutinho, will enable us to see how in this repository the author recreates mappings of dissonance by reviving, through an absolute memory exercise, the cultural, patrimonial and identity diversity of the Portuguese world. In a society subordinated to dystopia, such as the one*

*that marked the era of dictatorship in Portugal, many stories recreated by the writer's affabulation capacity capture a diverse and rich source of situations, peoples and places, thus recovering a dystopian legacy of an era that must never be tolerated again. By recording these entries in his Romanceiro, José Viale Moutinho retains scenarios that post-memory generations should not consent to. It is, therefore, writing that touches utopia through the denouncing vein of bygone dysphoria.*

Keywords: **repository, memory, diversities, dissonances, utopia.**

## INTRODUÇÃO

O trajeto literário de José Viale Moutinho é diverso, quer em termos genológicos, quer em termos de captação de públicos. Da narrativa breve à poesia, das recolhas de literatura popular ao ensaio sobre personalidades marcantes da cultura portuguesa contemporânea, da escrita dramática à que resulta da investigação sobre a Guerra Civil Espanhola, passando pela literatura infantojuvenil, o escritor tem uma obra amplamente reconhecida a nível nacional e internacional. A título de exemplo, recordamos o Prémio Literário Edmundo Bettencourt, o Prémio Pedrón de Honra, bem como a atribuição do Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco, em setembro de 2019, ao livro *Monstruosidades. Tempo do Infortúnio*, pela Associação de Escritores Portugueses. Trata-se de um prémio que o escritor ganhou pela segunda vez, já que, em 2000, o livro *Cenas da Vida de um Minotauro* também fora premiado.

*Romanceiro da Terra Morta*, cuja terceira edição apresenta ao leitor quinze narrativas breves, reúne livros já publicados, nomeadamente *Cabeça de Porco* (Lisboa, Forja, 1978), *Apenas Uma Estátua Equestre na Praça da Liberdade* (Porto, Nova Crítica, 1978), o conto “Torre de Menagem” (1988) e alguns inéditos. Editado pela primeira vez em 1988 (Editora Caminho), reimpresso em 2001 (Editora Agostini), o *Romanceiro da Terra Morta* apresenta-se, na proposta editorial de 2019 (Editora Afrontamento), com um belíssimo pormenor do

trabalho de escultura de Jaime de Azinheira<sup>1</sup>. Nele, as personagens moutinianas moldar-se-ão pelo olhar irónico e parodístico do escritor, ao dialogarem com o imaginário coletivo português. Ao serem novamente convocados nesta nova edição, recordam a barroquização das épocas pretéritas, dando a entender que todo o funcionamento disfórico pode ser transversal a épocas, tempos e destinos.

Assim, pretendemos dar a ver a forma como José Viale Moutinho convoca dissonâncias e infortúnios para os tornar matéria ficcional, inscrevendo a sua escrita memorialística numa cartografia das diversidades que atestam o sentido utópico da sua arte: uma arte da observação na diversidade das textualidades e, pela ironia ou pelo sarcasmo, uma arte da crítica contra sistemas obsoletos, porque contrários ao sentido do mundo.

## **REPOSITÓRIO DE REGISTOS DIVERSOS**

Com prefácio de António Carlos Cortez, significativamente intitulado “*Romanceiro da Terra Morta. Singularidades de uma prosa viva*”, os “micro-contos” (Cortez, 2019: 8) que se espriam no livro de José Viale Moutinho são, por um lado, “canto e de desencanto” (Cortez, 2019: 8) dos anos 60 e 70 e, por outro lado, diálogo entre tradição e modernidade. Neste sentido, o prefaciador virá dizer: “... Viale Moutinho é um prosador à antiga (isto é: verdadeiramente moderno!), com um pleno domínio da difícil arte dos diálogos, os quais refletem, equilibradamente, sem artifícios, a psicologia daqueles a quem o narrador dá voz” (Cortez, 2019: 7). Nos quadros de um quotidiano em que o autor funde real e irreal, nas situações que roçam o inusitado ou numa linguagem em que o picaresco ombreia com a poeticidade, o escritor colige cartografias esquecidas. Por sua vez, Cristina Cordeiro Oliveira, na recensão crítica para a revista *Colóquio/Letras*, aquando da primeira edição da coletânea, refere que a escrita de Viale Moutinho: “inscreve-se numa

---

<sup>1</sup> Trata-se de uma parceria entre duas linguagens distintas, mas complementares, como acontecera aquando da republicação do livro *Destruição de Um jardim Romântico*. Jaime Azinheira (1944-2016), escultor, pintor e professor universitário, produz esculturas com uma técnica original de moldagem, daí resultando volumosos e expressivos objetos artísticos. As figuras pitorescas e caricatas das suas peças escultóricas, simultaneamente poéticas e trágicas, revelam a marca d’água de um trabalho onde a vertente ligada à cenografia não está descurada, como se o lado teatral das suas esculturas dialogasse com a encenação mais satírica do comportamento humano. Também *Romanceiro da Terra Morta* vai encenar o lado mais sombrio do passado português.

tradição poética antiga, como exercício de uma memória que se não quer ver perdida, de uma voz, anónima ou coletiva, que conta a sua história – a história de um povo, feitas de mágoas e de alegrias” (Oliveira, 1989: 155).

Através da viagem por lugares e situações, o escritor fixa histórias anónimas ou coletivas, para assim serem resgatadas do esquecimento. Essa memória recupera “tempos de infortúnio” que a História permitiu e a escrita dita a urgência de recordar, abrindo-se à utopia. Não será, pois, de estranhar que os registos de portugueses que resistem aos tempos e aos dissabores e que se espraiam na coletânea de José Viale Moutinho afirmem a veia crítica e denunciadora do escritor. As narrativas que compõem o *Romanceiro* atestam a dinâmica de uma cidadania atenta nas múltiplas formas de convocar as subjugações de um tempo distópico. Nesse sentido, não são apenas textos de desesperança, mas textos de assombro e de renovados sentidos de leitura. O repositório apresentará ao leitor “toadas antigas e atuais” (Cortez, 2019: 8), uma curiosa galeria de personagens, intrigas peculiares, de uma ironia rangente, bem como apreciações cáusticas, enredos repletos de dinamismo e contraste. Através da eficácia do seu discurso narrativo, José Viale Moutinho regista marcas de um património identitário e cultural português, questões de poder e de contrapoder, bem como problemáticas ligadas à patrimonialização e à turistificação. O fantástico, o insólito e a paródia aliar-se-ão à denúncia e ao compromisso social da escrita moutiniana.

Desde os seus primórdios, o romanceiro pretende recolher inúmeras situações<sup>2</sup>. Da tradição oral à forma escrita, atestam-se múltiplas formas de teor histórico, cultural, entre outras possibilidades. Almeida Garrett procurou dar conta da força vibrante da alma portuguesa com o *Romanceiro Português* e com o *Cancioneiro Geral*. Teófilo Braga organiza o *Romanceiro Geral Português* nele procurando dar conta dos feitos portugueses da nossa história. José Viale Moutinho tem dedicado parte do seu tempo à recolha de uma literatura popular e à feita do seu próprio *corpus* ficcional. No âmbito do levantamento da literatura popular, o escritor tem coligido matéria que vai de Portugal continental às ilhas,

---

<sup>2</sup> Sobre esta questão, o leitor poderá consultar o verbete “Romanceiro” do *E-Dicionário de Termos literários*, coordenado por Carlos Ceia.

num contínuo esforço de inventariação do património imaterial português<sup>3</sup>. As publicações visam públicos de diferentes faixas etárias como se o coletor desejasse que miúdos e graúdos conhecessem o património vastíssimo que podem ter ao seu alcance. Os contos que fazem parte do Romanceiro, sendo de lavra própria, registam, de igual modo, essa preocupação: dar a conhecer, contribuindo para uma consciência da diversidade e da riqueza de temas, textualidades e assuntos que não se devem perder numa aldeia global, padronizada e anónima.

Em *Romanceiro da Terra Morta*, José Viale Moutinho vai registar acontecimentos que marcam ritmos sociais e destinos individuais e coletivos, interligando factos de uma História amordaçada e uma notória reflexão existencial. Estas vozes do passado que emergem na cartografia moutiniana narram estórias nortenhas, revelando, por um lado, umas das paisagens prediletas do escritor e sublinhando, por outro lado, que o romanceiro das terras do Norte tem um papel fundamental na preservação do património imaterial do país. O processo de montagem destas narrativas ora abarca uma visão panorâmica do lugar ora colhe, frequentemente, uma frase, uma expressão, um detalhe. Nesse procedimento narrativo, juntar-se-á um humorístico jogo verbal e a veia irónico-sarcástica do escritor.

Através de estrutura formal modernizada, as variações temáticas subordinadas em torno da subjugação, da cultura obsoleta do silenciamento e do vínculo identitário e de pertença das gentes convocadas mostram como se construiu a sociedade portuguesa antes de 1974. *O Romanceiro da Terra Morta* espalha-se por representações ficcionais, onde não falta o toque poético-popular, em particular nas quadras colocadas no interior da narrativa, lembrando-nos que o autor é um coletor nato da literatura popular portuguesa. Note-se que a canção

---

<sup>3</sup> A título de exemplo, em *Literatura Tradicional Portuguesa*, José Viale Moutinho revela-nos, entre outros, provérbios, contos, adágios, anexins, adivinhas, folclore religioso, quadras e teatro popular. O escritor tem procurado preservar a identidade da tradição cultural portuguesa num mundo global e massificado. Veja-se, a título de exemplo, *Terra e Canto de Todos (Vida e Trabalho no Cancioneiro Português)*, Porto, Ed. Domingos Barreira, 1987 ou em *Portugal Lendário* (ilustrações de Luís Faria, Lis, Ed. Reader's Digest, 2008). Para os mais jovens, indicamos *Contos Populares das Ilhas da Madeira e do Porto Santo*, Funchal, Nova Delphi. Para os mais novos, aconselhamos *O Grande Livro das Lengalengas*, Porto, Afrontamento ou *Grande Festa das Formigas Rabigas*, Porto, Afrontamento, 2011.

de intervenção também marca presença nos textos, sublinhando que a escrita de José Viale Moutinho dialoga com a atualidade que denuncia as dissonâncias da década de sessenta e setenta do século XX. A modernidade literária do escritor assenta nesse jogo em que se (con)fundem épocas, situações e linguagens diversas. Nos quinze contos da coletânea, descrevem-se várias localidades, pertencendo, regra geral, ao espaço do conto à geografia sentimental do escritor, uma cartografia nortenha como acontece, aliás, com o mapa literário e afetivo de Camilo Castelo Branco.

José Viale Moutinho regista, por um lado, memórias, gentes e lugares e elenca, por outro lado, um conjunto de vozes que o marcaram, por razões diferentes, ao longo da vida. O carácter memorial faz-se de imediato notar na dedicatória que abre o livro, “À memória de um viajante e contador, o sonhador quase voltariano que foi meu pai” (Moutinho, 2019: 5). À dedicatória acresce um rico intertexto presente nas múltiplas epígrafes que atravessam a obra. O diálogo com o cânone da literatura portuguesa, bem como o que se estabelece com uma literatura-mundo, revela-nos, por exemplo, a voz de Almeida Garrett, Júlio Dinis, Camilo Castelo Branco, Teixeira de Pascoais, Miguel Torga, António Ramos Rosa, Victor Hugo e Gabriel García Márquez.

A compilação de textos coloca a tónica nas disforias da sociedade portuguesa através de uma notória capacidade de efabulação. Urbano Tavares Rodrigues observou que José Viale Moutinho “é um narrador irónico, estuante de fantasia, notável pela economia de processo e capaz de atingir, por vezes, os pontos fulcrais da vida da sociedade portuguesa” (cf. excerto na badana da edição de 2019). Através da ironia, de algum sarcasmo e do tom parodístico, o escritor propõe observâncias de uma época que marcou a sociedade portuguesa: os tempos do silenciamento forçado e dos esbirros, a perseguição política e as gentes martirizadas, os exilados espanhóis e as vivências da raia, os fenómenos migratórios ou guerra colonial, os tempos incertos da década de setenta, o medo em contexto de Guerra Fria. Elenca, de igual modo, a vontade de mudança social e política, a informação do poder e do contrapoder, a emergência de novos paradigmas culturais, as políticas ligadas à salvaguarda do património português. Ao inventário dessas inúmeras situações, acresce um repertório de tipos sociais - frades, professores e militares - que atravessam, regra geral, a obra moutiniana.

Ao reeditar o seu *Romanceiro*, o escritor luta contra a precariedade de um género literário, (re)afirma a sua vitalidade e reaviva períodos sombrios que não deveriam voltar. Para contrariar o esquecimento que caracteriza a sociedade hipermoderna<sup>4</sup>, José Viale Moutinho regista desassossegos e contrariedades, demonstrando que é um contador-nato, como recorda Afonso Romano Sant’Anna: “é um contador de histórias como aqueles que ficavam ao redor de uma fogueira nos aquecendo a alma e a imaginação” (cf. badana da edição analisada). O escritor é, pois, como referiu Baptista-Bastos, “um mercador de sonhos, um construtor de parábolas, um contador de apologias” (cf. excerto selecionado para a badana da edição de 2019). Contraria, assim, a modernidade líquida<sup>5</sup> da nossa atualidade, recordando um passado que convém não esquecer. Talvez desta forma se possa evitar a repetição das disforias.

### **PERCURSOS, DISCURSOS E (DESEN)CANTOS**

José Viale Moutinho afirmou-se como um virtuoso do conto, da não-ficção e da micronarrativa, ao interpretar tipos, situações e pensamentos com uma contínua intenção de revelar o reverso da sociedade<sup>6</sup>. Neste *Romanceiro da Terra Morta*, o autor dará igualmente conta de uma multiplicidade de encenações distópicas, ora de forma mais irónica, ora de forma mais lúdica, ora de forma mais cáustica. De facto, o autor vai reabilitar lugares e gentes que se tornam matérias vivas e, por conseguinte, reais, mas parados num tempo e numa vida sem horizonte.

---

<sup>4</sup> Designação que Gilles Lipovetsky utiliza para caracterizar os nossos tempos: uma época do vazio, da dissonância e do liquefeito. Os finais do século XX e as décadas que marcam o século XXI desfazem sentidos de pertença, acentuam contrariedades, descuram o contributo do passado. Registar para gerações presentes e futuras memórias de um passado que não deve ser descurado pode ser uma forma de manter vivas formas, gentes e lugares, anulando o esvaziamento de uma época, de uma sociedade e de uma cultura.

<sup>5</sup> Nos tempos atuais, Zygmunt Bauman sustenta que tudo desvanece numa sociedade movida pelo frenesim e pelo desassossego. Trata-se de um tempo que se atropela na busca desenfreada pelo novo, não permitindo ter tempo para a interiorização do conhecimento, a tranquilidade dos afetos, a medição das coisas simples da vida. Neste sentido, os textos de José Viale Moutinho inscrevem-se na análise das desavenças de tempos, permitindo compreender a dimensão da cartografia da denúncia a sistemas contra-utópicos.

<sup>6</sup> Cf. “Leituras de uma cidade insular: crónicas de Ricardo França Jardim e contos de José Viale Moutinho, capítulo que pertence a *Funchal (d)Escrito*. A segunda secção do capítulo, “José Viale Moutinho ou a arte de ficcionar um Funchal desencantado”, revela a forma irónica, irreverente e provocadora de narrar as dissonâncias da cidade, vertiginosamente dissonante.

A escrita moutiniana sublinha um mundo refém do passado, gentes aprisionadas a culturas e a tempos desarmoniosos. A arte narrativa de José Viale Moutinho resgatará esse tempo, gentes e lugares, combinando-os com outras instâncias para, de certo modo, deixar entrever alternativas.

Importa então destacar a coerência de temas, a intencionalidade simbólica dos mesmos, os discursos saborosos dos protagonistas, a vertente denunciadora da escrita, o insólito que envolve cada texto, o fantástico que irrompe a cada momento. O primeiro conto dá o mote a esta coletânea. A voz do texto, que decidiu regressar por uns tempos à terra da sua infância e à ruralidade dos tempos da meninice, procura, nesses tempos e espaços, matéria literária para um próximo projeto editorial. Ao reavivar gentes e lugares que se vão apagando com o passar do tempo, o autor fixa, sobretudo, experiências de um certo desencanto. Compreender-se-á que a voz do texto regresse ao mundo citadino e à sua vida quotidiana, certo de já não pertencer ao lugar da sua juventude.

A primeira narrativa, “Servos e Cervos no cimo de um monte”, fixa o cenário num tempo e numa sociedade ultramontana da década de 70 do século XX e aborda, sobretudo, todos os que entregues à sua sina devem “saber morrer completamente esquecidos” (Moutinho, 2019: 23). O pacto de leitura que se estabelece com o título de um livro é relevante, como referem Gérard Genette ou Leo Hoek. O título deste conto recupera a servidão e o seguidismo que marcaram a cultura portuguesa. A narrativa reaviva memórias da guerra colonial, mazelas sofridas pelos combatentes e novas conformações identitárias. Como textos de memórias, gentes e paisagens, a escrita de José Viale Moutinho dar-nos-á ainda a conhecer uma aldeia portuguesa, com os seus particularismos culturais. Aliás, todas as narrativas do livro procuram tematizar a servidão de um povo, a cultura do silenciamento imposto, a alteridade ameaçada. Na década de 60, anunciam-se ventos de mudança, muito embora os lugares mais remotos do interior do país levem mais tempo a consentir paradigmas diferentes. Se os vínculos identitários começam a ruir e o sentimento de renovadas pertenças começa a mudar ao sabor da modernidade, Curral Velho e as suas gentes conformam-se numa cartografia estacionária o que nos leva a compreender a escolha da epígrafe: “Trista la vida del campo, // arar, sembrar y esperar, // El Otono y el Invierno // y el Verano todo igual (Atahualpa Yupangui, *in Canciones*). O cenário escolhido desta primeira narrativa

recai no período de tempos incertos, de conflito e de estagnação, com gentes presas ao ‘Fado, Fátima e Futebol’. Não encontrando o espírito do lugar da casa dos seus antepassados, o narrador regressa à cidade, onde fixou residência. Entre o texto ficcional e o texto da vida parece-nos ver aqui uma certa alusão autobiográfica. Entre ficção e realidade, anunciam-se as dissonâncias dos mundos, quer rural, quer, também, citadino.

Através da viagem iniciada no princípio da coletânea, em “Como dizer adeus à terra dos meus mortos”, a voz do texto procura o lugar das suas raízes: “Era forçoso que regressasse por algum tempo a Cabras Velhas” (...), localidade que também surge num dos textos do livro *Cenas da Vida de um Minotauro*. A deslocação até Cabras Velhas permite ao narrador deambular pelos espaços interiores da casa familiar e compreender a importância do ‘quarto dos santos’ ou o pequeno oratório da família. Trata-se de “[u]m conto de descrições minuciosas em que o narrador desfia o rosário de memórias...” (Cortez, 2019: 11). A viagem permite, sobretudo, constatar que já não pertence ao lugar desses afetos. O *incipit* do texto anuncia a dicotomia passado/presente de forma inequívoca:

Antigamente, Setembro, no meu vocabulário, significava, pelo menos, vésperas de vindimas, passeios demorados pelos olivais até à penedia entre as giestas. Agora consumidas as vinhas e consumidos os olivais, os próprios barrocais, ficara-me uma minúscula casa, aliás a mais pequena do grupo de três que formara o prédio onde tínhamos vivido, principalmente nesses inícios de Outono. (Moutinho, 2019: 45).

Se estabelecermos um pacto de leitura com a epígrafe que abre este conto, a observação de Gabriel García Márquez, em *Cem Anos de Solidão*, “(...) A gente não é de um lugar enquanto não tem um morto enterrado nele” (2019: 44), não parece revelar o sentimento do narrador. Ao questionar “Quantos mortos me prendem a Cabras Velhas?” (Moutinho, 2019: 52), a voz do texto sublinha, essencialmente, que perdeu as referências do lugar. Neste caso, não fará sentido permanecer nesse espaço: os avós faleceram, não encontra nem José Cabral nem a Zita Peneira, outros moradores já partiram. Como refere o texto, “Cabras Velhas

é uma terra diferente, transcorridos estes dez, quinze anos. Algumas das pessoas são as mesmas, mas a emigração transformou-lhes os hábitos”. (Moutinho, 2009: 54). Terra de emigração para França e Alemanha, o lugar esvazia-se de significado, mas, na verdade, revela-nos o que é a desertificação do interior do País. Sob o signo da captação de cenários, mas também sob o signo da denúncia, a narrativa moutiniana reenvia para quadros de miséria humana onde Luís não encontra razão para permanecer ou para regressar mais tarde a esse Portugal rural e ultramontano.

Ao ser antecedida por uma epígrafe do *Arco de Santana*, de Almeida Garrett, a narrativa “Apenas uma estátua equestre na praça da liberdade”, estabelece um pacto de leitura com o escritor oitocentista e, em particular, com a figuração do(s) herói(s) romântico(s). Reza o texto de Garrett, a servir de mote ao conto moutiniano, que D. Pedro toma a cidade do Porto livrando-a da subjugação e do inimigo. A intriga desta terceira narrativa leva-nos até à cidade nortenha, lugar simbólico que no século XIX foi palco da luta entre liberais e absolutistas. Ligado à iconografia da liberdade e da consciencialização política, a terceira narrativa desdobra-se, em jeito parodístico, por temporalidades diferentes. Nessa (con)fusão de tempos e cenários, a escrita revela, contudo, um claro sentido de denúncia e de renovadas reivindicações. O pendor político é substituído pelas nuances sociológicas do mercado do Bolhão. Trata-se do Porto dos Clérigos e da Varinas, mas também do Porto das manifestações do primeiro de maio. Numa época onde o grito dava direito a prisão ou a morte certa, bandos de manifestantes gritam “- Abaixo o fascismo! Viva Portugal! Abaixo a guerra colonial!” (Moutinho, 2019: 65). Recriam-se cenários diversos, animam-se os prelúdios de mudança, cita-se a voz de José Gomes Ferreira. A narrativa transita entre réstias de desespero-esperança (Moutinho, 2019: 63) e um claro sentido de dissonância. O texto desconstrói, efetivamente, a utopia, porque a “cidade se sitia a si própria” (Moutinho, 2019: 61). A este intrincado cenário de épocas e gentes, soma-se, ainda, uma reflexão sobre o processo literário, já que Luís se propunha escrever sobre a cidade, embalado por *Round about midnight* de Thelonious Monk.

São diversas as deambulações por Portugal real ou por um país ficcionado. “Elegia de Miguel Paredes” leva-nos, por sua vez, para Vila Pêdras, lugar fronteiro e de contrabando, muito embora não venha “nos mapas nem no dicionário corográfico que tenho no escritório” (Moutinho, 2019: 79), como nos recorda

a voz do texto. Local de passagem para exilados políticos espanhóis, nem sempre será um espaço seguro para os que procuram fugir ao poder franquista. Se a intriga nos remete para uma época em que Portugal alcançou alguma liberdade, o conto sublinha que os resquícios passados não foram apagados. Os tempos são incertos, apesar de 1974 ter ditado sentidos de esperança e de fraternidade. Miguel Paredes, professor de música, de família comunista, preso há três anos em Carabanchel foi assassinado no país que o devia proteger, apesar de existir a Comissão Nacional aos Refugiados Políticos Antifascistas. Portugal continua ultramontano, inculto e preso ao passado. Para memória futura, o conto apresenta-se, de certo modo, como um texto-homenagem, sem cair nos excessos de fúnebre lamentação. Trata-se, pois, de uma escrita para a geração do pós-memória. Para Marianne Hirsch (2008), os registos fotográficos da Segunda Guerra Mundial permitiam dar a ver a gerações mais jovens os horrores infringidos nos campos de concentração. Aplicado ao texto literário, também a escrita das disforias permite recordar os sistemas ditatoriais que calaram uma sociedade. Neste conto, em particular, José Viale Moutinho recorda o poder franquista e os tempos periclitantes que se seguiram ao fim do período da ditadura em Portugal para que esses momentos não caiam no esquecimento.

Tempos, épocas e assuntos diversos atravessam um dos contos mais curiosos desta coletânea. Em “O rapaz da quinta do convento”, ambientes insólitos e bizarros marcam o início da narrativa aquando da fuga de um jovem da quinta. Esse lugar, que faz parte de um convento, ficará à mercê da megalomania que caracteriza os finais dos anos 70. Indiferente ao valor patrimonial do espaço, o Sr. Carvalho, sobrinho herdeiro do escritor Alexandre Branco de Almeida, homenageado numa curiosa placa comemorativa pelos conterrâneos, juntamente com o representante da Comissão de Turismo, pretende fazer do convento um edifício de grandes receções onde não deve faltar *“a verdadeira cozinha dos frades”* (Moutinho, 2019: 95). Através da desconstrução paródica, as várias linguagens que a narrativa convoca - ficcional, comemorativa, tumular, radiofónica - apresentam inúmeras críticas à sociedade portuguesa: as políticas de divulgação do património na promoção turística do convento, a transformação do gosto de uma sociedade ao sabor da exuberância e o impacto que o turismo inglês, alemão e francês começa a ter em Portugal. A paródia da encenação e a barroquização dos tempos modernos é acentuada pelo recurso ao discurso publicitário transmitido pela rádio.

Tipograficamente destacadas no interior do conto, as informações transmitidas pela telefonia reúnem marcas alimentares, detergentes para a casa, relatos de futebol, entre muitos outros dados. Trata-se de um atropelo desconexo que visa corroborar as precipitações da contemporaneidade denunciadas no texto. Pelo aspeto gráfico, pela miscigenação de linguagens, pela (con) fusão de temporalidade e situações, pelas ficções dentro da ficção é um dos contos mais reveladores da escrita de José Viale Moutinho.

Ao enveredar pelo mundo do realismo mágico, a narrativa “As sombras” desconstrói o conto da Branca de Neve dos irmãos Grimm. O Presidente da República da época em que decorre a ação pergunta: “Espelho mágico, quem é o presidente mais seguro do mundo?” (Moutinho, 2019: 105). As múltiplas situações de revolta que se seguem à pergunta retórica e circunstancial sugerem grandes alterações e épocas de renovadas ambiências sociais, políticas e culturais. Ao incluir um excerto da canção de Luís Cília, significativamente intitulada “O Guerrilheiro”, o texto refere a instabilidade do País, mas também ventos de mudança e de utopia: “Eia, sus, oh! Meus bons camaradas. //Desse sono por fim despertais://Além tendes as vossas espadas, //Eia, sus, bem depressa afiai, //Vai a terra da pátria vencida, // Quem da luta se pode escusar? //- Pula o sangue referver-lhe a vida...” (Moutinho, 2019: 120). Tudo no conto anuncia a renovação que se avizinha: o Presidente, mais louco do que lúcido, deambula pela Sala dos Passos Perdidos, nome cuja interpretação é inequívoca. O golpe de estado está em marcha como anuncia um general muito idoso, a telefonia assinala o mote da liberdade, “televisores assistindo à desmontagem de meio século de ditadura fascista” (Moutinho, 2019: 108). Porém, toda a utopia tem o seu reverso. A narrativa não silencia os tempos de suspeita que se seguiram ao tempo da liberdade.

Em “Cadáveres como sempre”, a ação passa-se na pacata vila de Rodelos onde a voz do texto regressa “à memória dos agostos e setembros” (Moutinho, 2019: 123), porque herdou o Olival das Almas. À ironia da designação do terreno, porque Rodelos vive dos seus velhos, das recordações distantes e dos seus mortos, juntar-se-á o jeito mordaz da sentença do motorista:

Isto é terra morta, meu senhor. Aqui não há-de poder ficar, nem terá aonde comer. É a única terra do mundo em que há um só tipo de

árvores dentro do povo: ciprestes. E os ciprestes, como o senhor sabe, são árvores do cemitério. (Moutinho, 2019: 126).

Trata-se de revelar um país parado no tempo, marcado pelo fenómeno migratório ao longo de períodos diferentes: regista-se a emigração para as Américas e sublinha-se a emigração a salto em contexto europeu. Assinalam-se, assim, as constantes culturais e históricas portuguesas. Acentua-se, de igual modo, a desertificação do lugar envelhecido e abandonado à sua sorte. Trata-se de um lugar dissonante, silencioso e de pressentimentos macabros. Tudo concorre nestes lugarejos para que fiquem petrificados até que a morte venha buscar os últimos velhos da comunidade.

Em “Cabeça de porco”, a referência a Antero de Quental, “*o espectro familiar que fala comigo*” (Moutinho, 2019: 133), regista as vivências de Júlio Mendes na redação de um jornal, permitindo compreender os métodos de produção numa redação de jornal. Na década de setenta, as notícias, feitas de grandes tesouradas pelos redatores dos jornais, são processos recuperados pela narrativa: “cortadas as notícias nas dimensões adequadas às pranchetas dos linotipistas, colavam-lhes folhas de papel onde grandes caracteres haviam desenhado os títulos...” (Moutinho, 2019: 134-135). O tempo da intriga revela um tempo em que a informação se colava ao poder, mas desvenda, simultaneamente, mecanismos de contrapoder e de resistência. Lembram-se os golpes falhados, elencam-se tempos de consciencialização e de mutação de paradigmas. São tempos de uma renovada utopia social e cultural, diferentes dos que marcam a informação global alicerçada num fluxo contínuo de pós-verdades. A narrativa permitir-nos-á interrogar a identidade do jornalista. Será Júlio Mendes o alter-ego do escritor? O texto aponta, efetivamente, para esta possibilidade com a seguinte observação: “Para Júlio Mendes, para mim ou por mim, tudo isto estava lá, no seu espectro familiar...” (Moutinho, 2019: 140). Identidades e Alteridades que podem ter coexistido na redação do jornal *Novidade*.

“Juju Bicho conta como foi” é dedicado a Luís Cília, um nome incontornável da canção de intervenção. Contrariamente ao que poderia indiciar o título, não se trata de uma história infantil. O conto infantil assenta, regra geral, num imaginário cândido e numa intriga serena. O texto de Viale Moutinho vem desconstruir esse modelo. Recriando o cenário de uma rusga dos Agentes Secretos em casa de Rosário

Bicho, a narrativa revelar-nos-á uma menina observadora e astuta. É através do olhar da menina Juju, filha de uma resistente ao regime instalado em Portugal, que o enredo revela o combate que se travou na clandestinidade. A escrita insiste no apelo do Poder e no risco de novas subjugações, como configura a rosa que o Dr. João Filipe Bicho ostenta na lapela, quando ruiu o antigo regime. Revelando-se, desde sempre, aos olhos da filha e da Vó Tonieta como dono e senhor do momento, “O Papá...tem a chave do mundo” (Moutinho, 2019: 152), rapidamente o médico resvala, em tempos de mudança política, para uma renovada usurpação do poder: “Sou o novo gestor da cidade” (2019: 152). A narrativa moutiniana acentua o surreal, o absurdo, o efeito de estranhamento, revelando cenários dissonantes pretéritos que podem voltar. Ao inverter os papéis do contador, através da desconstrução paródica, na senda da proposta de Linda Hutcheon (1985), o texto moutiniano sublinha que, através do humor, do lúdico ou do cáustico, a mensagem é transmitida ao leitor. O aviso para o desvario humano ganha força num registo que recupera o imaginário infantil. Ao desconstruir a candura de um imaginário pueril, a voz do texto acentua as dissonâncias do ser humano movido pelo gosto do poder e da ostentação.

Da mesma forma, fazendo jus à ideia que todo o escritor ou poeta é um fingidor, José Viale Moutinho parece convocar um cenário de um conto infantil, subvertendo-o pelas nuances de insólito que lhe imprime. Para Cristina Cordeiro Oliveira, neste *Romanceiro*, o autor “dá voz a um imaginário diferente onde se esbatem fronteiras entre *o real e o sobrenatural*, visto aqui como duas parcelas de um mesmo todo, das expressões de um mesmo rosto” (Oliveira, 1989: 156). Entre o real e o fantástico, o texto “Jazigo de família” revela-nos uma curiosa viagem de comboio pela linha do Douro. O conto dialoga com o imaginário de Lewis Carroll. A nova ‘Alice no País das Maravilhas’ da narrativa moutiniana, “[uma] Pequena [que] vira um coelho entrar na toca, dento da sua cabeça”, permitirá ao leitor viajar por mundos onde o absurdo e o fantástico se entrecruzam. A menina de “olhos castanhos, de mula” (Moutinho, 2019:157) dá a ver a desconstrução de um “acontecimento praticamente só bíblico” (Moutinho, 2019: 159): um viajante sai do comboio, anda sobre as águas do rio, refugiando-se numa casa à beira do rio. Numa casa que é, de certo modo, uma antecâmara da morte, o texto permite refletir sobre o sentido da existência, da travessia e da morte. Numa casa reinventada junto

ao Douro, reavivam-se memórias dos tempos pretéritos, atravessam-se tempos, acentua-se a única certeza: a da finitude e da transitoriedade da vida.

O enredo do conto “A Torre de Menagem” leva-nos, novamente, para uma cartografia douricense. O *incipit* desta narrativa é revelador de uma perigosa ambiência fronteira: “A outra margem ficava a um tiro de espingarda” (2019: 165). Numa localidade que reúne portugueses e espanhóis em torno de causas comuns, Gustavo, o narrador-escritor, procurou a tranquilidade necessária para escrever. Chegou a Friestas em março, mas em agosto foi surpreendido por quatro intrusos. São refugiados políticos que viram a casa de Gustavo Lemos como lugar de refúgio. A tranquilidade da voz do texto é rapidamente interrompida e os estereótipos ligados à questão do processo criativo colocados em causa. “Os livros escrevem-se assim, numa casa, à beira-rio, entre silêncios?” (2019: 168), questiona uma das foragidas. Ao transtorno causado pelos ocupantes, apesar da cumplicidade entre Gustavo e Luísa Margarida, somar-se-á uma inquietação que levará o escritor a duvidar da finalização do seu manuscrito. Os escritos podem ser “dispersos, frases, parágrafos, mesmo desenhos” (2019: 167) aos quais o autor dará a forma desejada. Contudo, o labor da escrita implica que um escritor se refugie na tranquilidade do seu espaço de trabalho. Entre a realidade da ficção e o fantasmagórico das efabulações adicionais, as (in)certezas da capacidade de concluir o livro são relevadas no *excipit* do conto.

A veia de antropólogo de José Viale Moutinho perpassa no texto “Os sete passos”. A voz do defunto Achado do Esterco narra a sua própria morte e a narrativa leva-nos a compreender alguns costumes enraizados e transmitidos ao longo dos tempos. Em terras de carpideiras, a cultura portuguesa é marcada pela tradição católica, pelo pendor providencialista e por manifestações insólitas ligadas às “encomendações às almas” (Moutinho, 2019: 190). Entre o cristão e o pagão, a fronteira esbate-se: “[o]s sete passos não são uma procissão. Na Quaresma, nas sextas-feiras, à meia-noite, fazem-se encomendações às almas” (Moutinho, 2019: 190). Nos meandros do fantástico, num cenário sombrio e ameaçador, Zé Achado saiu da Igreja matriz, encabeça esta curiosa manifestação popular, vindo a ser assassinado. Os ambientes sociais e culturais da localidade de Freixo de Espada à Cinta estão registados e o suspense permanece. O texto revelará, ainda, traços culturais rurais, em particular o que assenta no uso recorrente da alcunha. A

linguagem humorística das identidades dos habitantes, como, por exemplo, Zé Achado, Zefa Porra, O Carracho, o Corredeira, a Rata, acentua o efeito parodístico da escrita de Viale Moutinho. Ao cómico da situação sobrepõe-se uma realidade dos tempos portugueses. Num país alheio à dignificação do ser humano, a narrativa assinala a emigração para o Brasil, os tempos coloniais, as dissonâncias familiares e a solidão dos idosos nos lares para terceira idade.

O texto “Com a enxada na mão” acentua o fado que persegue as personagens principais que não se livram das maldições. Os escassos moradores de terras distantes são trabalhadores que labutam diariamente e que o álcool endurece. Dedicado à memória de Baptista-Bastos, apresentando uma epígrafe de Miguel Torga, o conto revela, por um lado, um universo violento, hostil e animalesco e, por outro lado, conta as superstições vividas pela população rural, exemplificadas nas várias lendas, à imagem da Lenda dos Quatro Caminhos, convocada para o efeito. José Viale Moutinho é nessa matéria um coletor nato com várias publicações no âmbito da recolha de lendas portuguesas. Para contrariar o desencanto maléfico que acontece na encruzilhada dos tempos e da vida, dita a sabedoria do povo que vale a pena livrar-se “do tomo, do lombo e de má sombra, e de mão furada e de vinho revirada” (Moutinho, 2019: 212). Com estas referências à literatura popular portuguesa, a narrativa moutiniana descreve ermos, bruxas e diabos, desvenda cenários sombrios e ambientes de arrepiar, recorda um património imaterial que a hodiernidade vai apagando.

Consolidando o registo fantástico e insólito, a narrativa “Nave Redonda” leva-nos a percorrer mundos cruzados e épocas agregadas de forma bizarra. Com uma ordem hierárquica claramente estabelecida, mas numa temporalidade incerta - “Faltavam dois séculos para o fim daquele inferno” (Moutinho, 2019: 215) e “Faltavam dois séculos para voltar ao quartel” (Moutinho, 2019: 218), os protagonistas são soldados que (con)fundem estórias de lobos, centauros e lobisomens, um imaginário fértil que atravessa outros registos do autor. Dedicado a Alberto Serpa, em terras de dolmens, o conto narra os feitos insólitos – e pouco heroicos – de um grupo de militares. Entre a realidade e as múltiplas ficções que se recriam ao longo da narrativa, fundem-se situações, intercalam-se estórias de assombro, acentua a modernidade contística do escritor. São, pois, encruzilhadas de tempos díspares que o final da coletânea vai acentuar.

Não podia encerrar este livro de melhor forma: o conto “Estremecimento e regresso”, desenvolvendo-se em torno de um mosteiro, convoca três séculos distintos: a época da sua construção, o século que o fez ruir e o momento da sua reabilitação. Regista-se o grau de destruição de um edifício, anotam-se os trabalhos desenvolvidos por uma equipa de investigadores, procede-se à sua classificação. Através dos trabalhos em torno do mosteiro das religiosas de S. Domingo de Aldeia Real, surgem alguns tipos sociais que povoam o universo literário do escritor: o frade, como o Frei Franco Brandão, o professor, na figura de Guilherme Rocha Alves, um especialista universitário, que tanto lê Asterix como Lévi-Strauss, entre outros personagens peculiares. Sublinhe-se a capacidade da voz do texto em averbar tempos e situações que se interligam à estória principal: dos tempos pretéritos, registou a tumultuação de D. Mumadona Garcia em 1337; pela ironia do próprio nome, mas também pela bizarrria das procissões que envolvem os poderes da Santa, constrói um renovado olhar sobre a cultura portuguesa; rememora a derrocada de 1746 e o terramoto de 1755 que terão destruído o mosteiro. A descrição hilariante da histeria das religiosas que ali viviam acentua o humor e a paródia da escrita moutiniana. Regista-se o Cheiro de Santidade de D. Mumadona, elencam-se curiosidades em volta da Santa tumultuada, sublinha-se a forma como este mosteiro, o orgulho das terras do demo, se tornará uma requintada unidade hoteleira. A veia denunciadora do narrador permite colocar em causa os discursos de uma suposta política patrimonial portuguesa e os abusos permitidos: expropriações, deslocações de população, destruição de um património com sabor medieval, dano num património de cunho popular levado a cabo pelos emigrantes endinheirados, reconstrução do património edificado ao sabor de uma prática turistificada.

## **EM SUMA**

Nestas fusões de tempos e de espaços, os contos que compõem *Romanceiro da Terra Morta*, aos quais se ligam, por exemplo, a lenda, a quadra popular, a canção e o adágio, vêm recordar épocas de inquietações. Às manifestações de algum desencanto que atravessam as narrativas, acrescem os saborosos diálogos das personagens, a escrita polifónica que o autor domina com mestria, o rico intertexto que perpassa no livro, as ambiências insólitas e os cenários fantasmagóricos diversos. O conto, quer pela brevidade da forma, quer pelo carácter dinâmico, quer

pela diversidade de procedimentos, é um género apreciado por muitos escritores. José Viale Moutinho encontra neste modo narrativo uma forma para expressar a sua individualidade artística. Neste modelo de profundidade e de concentração, o autor oferece a depuração necessária à sua visão de artista. Com um toque lúdico, irónico ou cáustico, a escrita moutiniana vai revelar um rico património identitário português. Pela desconstrução paródica, pelo modo insólito e pelos cenários fantasmagóricos, José Viale Moutinho recriará mundos desassossegados, estagnados pelo medo da mudança ou por resquícios culturais. Há, pois, que revelar essas dissonâncias como, se através da consciencialização da disforia, fosse possível dar a ler renovados sentidos de pertença, mundos livres e prósperos, utopicamente libertos de atropelos políticos e sociais.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Baptista-Bastos, in Moutinho, José Viale, 2019, *Romanceiro da Terra Morta*, (Babana), Porto Edições Afrontamento.
- Bauman, Zygmunt, 2001, *Modernidade Líquida*, trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Escarduça, Carla, “Romanceiro”, *E-Dicionário de Termos Literários* (Coordenação de Carlos Ceia), in <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/romanceiro> [consultado a 30 de Dezembro de 2018].
- Coelho, Leonor Martins, 2011, “Leituras de uma cidade insular: crónicas de Ricardo França Jardim e contos de José Viale Moutinho”, in *Funchal (d) Escrito. Ensaios sobre Representações Literárias da Cidade* (Ana Isabel Moniz, Ana Margarida Falcão, Leonor Martins Coelho, Thierry Proença dos Santos), Vila Nova de Gaia, 7 Dias 6 Noites, pp. 163-193.
- Cortez, António Carlos, 2019, “ROMANCEIRO DA TERRA MORTA. Singularidades de uma prosa viva”, prefácio a *Romanceiro da Terra Morta*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 7-16.
- Genette, Gérard, 1987, *Seuils*, Paris, Editions du Seuil.
- Hirsch, Marianne, 2008, “The generation of postmemory”, in *Poetics Today*, v. 29, n.1, pp. 103-128.
- Hoeck, Leo, 1981, *La Marque du Titre*, La Haye-Paris-New York, Mouton Publishers.
- Hutcheon, Linda, 1985, *Uma Teoria da Paródia - Ensino das Formas de Arte do Século XX* (Tradução Teresa Louro Pérez), Lisboa, Edições 70.
- Lipovestky, Gilles & Sébastien, Charles, 2004, *Les Temps Hypermodernes*, Paris, Grasset et Fasquelles.
- Moutinho, José Viale, 2019, *Romanceiro da Terra Morta*, Porto, Afrontamento.
- Núñez, Juan Paredes, 1986, *Algunos Aspectos del Cuento Literario: Contribución al Estudio de su Estructura*, Granada, Campus Universitario de Cartuja.
- Oliveira, Cristina Cordeiro, 1989, “Romanceiro da Terra Morta, de José Viale Moutinho”, *Revista Colóquio/Letras*, nº 110/111, julho, pp. 155-156.
- Sant’Anna, Afonso de, in Moutinho, José Viale, 2019, *Romanceiro da Terra Morta*, (Babana), Porto Edições Afrontamento.

Synek, Manuela & Queiroz, Brás, 1999, *Escultores Contemporâneos em Portugal*, Lisboa, Estar.

Rodrigues, Urbano Tavares, in Moutinho, José Viale, 2019, *Romanceiro da Terra Morta*, (Babana), Porto, Edições Afrontamento.